

## **ANEXO 2**

### ***Le mariage de Figaro***

Comédia em cinco atos,

De Pierre Augustin Caron de Beaumarchais.

---

BEAUMARCHAIS

CAMPONESAS  
CAMPONESES

---

AS BODAS DE FÍGARO

PRIMEIRO ATO

---

---

*A cena representa um cômodo meio mobiliado; uma grande poltrona estofada ao centro. Figaro, com uma vara, mede o assoalho. Susana prende na cabeça, diante de um espelho, sua grinalda de noiva.*

## CENA I

FÍGARO – Dezenove pés por vinte e seis.

SUSANA – Pronto, Figaro; olha só minha grinalda: acha que está melhor assim?

FÍGARO [*Tomando-lhe as mãos.*] – Sem comparação, minha linda. Você não sabe como esse pequeno buquê virginal colocado na cabeça de uma moça linda, na manhã do casamento, é doce aos olhos amantes de um noivo.

SUSANA [*Afastando-se.*] – O que é que você está medindo, meu filho?

FÍGARO – Estou vendo, minha Susaninha, se aquela cama linda que o senhor Conde nos deu cabe bem aqui.

SUSANA – Neste quarto?

FÍGARO – Ele disse que este vai ficar para nós.

SUSANA – Aqui é que eu não fico.

FÍGARO – Por quê?

SUSANA – Porque não quero.

FÍGARO – Mas por quê?

SUSANA – Porque não gosto.

FÍGARO – Mas pelo menos me dê uma razão.

SUSANA – E se eu não quiser dar?

FÍGARO – Quando as mulheres acham que já estão com a presa segura...

SUSANA – Provar que tenho razão é o mesmo que dizer que era possível que não tivesse. Você é ou não é meu es-cravo?

FÍGARO – Você embirra com o melhor quarto do castelo, e que fica bem entre os dois apartamentos. De noite, se a Condessa sentir qualquer coisa, toca a campainha do lado dela e pronto! Em dois passos você está no quarto dela. O senhor deseja alguma coisa? É só tocar do lado de cá e zás! Em três pulos apareço eu.

SUSANA – Que bom, não é? E um dia, depois de ter tocado bastante de manhã, para despachar você numa tarefa bem comprida, e bem longe daqui, pronto! em dois passos ele está à minha porta, e zás...! em três pulos...

FÍGARO – O que é que você quer dizer com isso?

SUSANA – Quero dizer, meu amigo, que, cansado de namorar as belezas dos arredores, o senhor Conde de Alma-viva está se interessando de novo pelo seu castelo, mas não por sua mulher; é para a sua, sabe, que ele voltou os olhos, e espera que esse quarto não lhe atrapalhe a vista... É isso que o lealíssimo Basílio, impoluto agente de meus prazeres e meu nobre mestre de canto, fica me dizendo todo o dia, enquanto me dá a lição.

FÍGARO – Basílio! Ai, meu finório, nada como uma boa vara de marmelo, muito bem aplicada no lombo, para consertar sua espinhela caída!...

SUSANA – Coitadinho! Você estava pensando que quando o Conde me prometeu um dote foi só pelos belos olhos dos serviços que você prestou?

FÍGARO – E bem que podia pensar, pelo que fiz.

SUSANA – Não sei por que é que as pessoas inteligentes são tão burras!

FÍGARO – É o que todos dizem!

SUSANA – Mas mesmo assim espanta!

FÍGARO – Vai ver que eles não têm razão.

SUSANA – Pois fique sabendo que ele está querendo conseguir de mim, na calada, um certo quarto de hora a só – que um antigo direito de senhor... você sabe como ele ficou triste...

FÍGARO – Eu só sei que se o senhor Conde, ao se casar, não tivesse abolido esse direito execrável, eu jamais teria pensado em casar com você em seus domínios.

SUSANA – Pois muito bem! Se aboliu, agora quer desabolir, e a noiva que ele quer hoje, em segredo, começa a desabolição.

FÍGARO [*Esfregando a testa.*] – Por essa eu não esperava; será que eu estou ficando de miolo mole? E com a testa fertilizada...

SUSANA – É melhor não esfregar!...

FÍGARO – É perigoso?

SUSANA [*Rindo.*] – Se aparecesse uma pequena espinha, sempre haveria algum supersticioso que...

FÍGARO – E você ainda ri, sua peste! Ah, se houvesse algum modo de fazer esse grande pilantra cair numa armadilha, numa boa esparrela e ainda embolsar seu ouro!

SUSANA – Intriga e dinheiro! Você está como gosta!

FÍGARO – Não pense que eu tenha escrúpulos...

SUSANA – Mas tem medo?

FÍGARO – Fazer uma coisa perigosa não é nada; o bom é escapar do perigo, saber levar as coisas: não há nada mais fácil do que entrar no quarto de alguém uma noite, lhe gozar a mulher e depois receber uma boa sova no lombo; milhares de idiotas fazem isso todos os dias. Mas... [*Ouve-se uma sineta.*]

SUSANA – A patroa acordou; e ela recomendou que eu fosse a primeira pessoa a vê-la no dia do meu casamento.

FÍGARO – Por alguma coisa especial?

SUSANA – Diz o pastor que dá sorte às pessoas abandonadas. Até logo, Figarinho, pense no nosso caso.

FÍGARO – Me dá um beijinho, para eu pensar melhor.

SUSANA – Ao meu noivo de hoje? Era só o que faltava! O que diria o meu marido de amanhã? [*Figaro abraça-a e beija-a.*]

SUSANA – O que é isso? O que é isso?

FÍGARO – É que você não sabe o quanto eu te amo!

SUSANA [*Se livrando.*] – Ai, seu insistente, quando é que você vai parar de ficar dizendo isso o dia inteiro?

FÍGARO [*Misteriosamente.*] – Quando puder prová-lo a noite inteira. [*A sineta torna a tocar.*]

SUSANA [*Levando o dedo aos lábios.*] – Ai está o seu beijo, meu senhor; não tenho mais nada para si.

FÍGARO [*Correndo atrás dela.*] – Ah, mas não foi assim que você o recebeu...

## CENA II

[*Figaro sozinho.*]

FÍGARO – Que moça encantadora! Sempre rindo, flores-

cente, transbordando de alegria, de espírito de amor e de delícias! Mas ajuizada!... [*Anda de um lado para o outro, torcendo as mãos.*] Ah, meu senhor! Meu caro senhor! Então está pensando em me conceder... mas cuidado! Bem que eu me perguntava por que, tendo me nomeado seu porteiro, queria levar-me para Londres e me fazer de correio dos despachos. Mas já compreendi, senhor Conde; três promoções de uma só vez: o senhor ministro conselheiro; eu, quebra galho político; e Susana, a dama de serviço, embaixatriz de bolso; e aí chicote no correio! Enquanto eu galopo para um lado, o senhor do outro dá uns bons passeios na minha amada! Eu sendo sujado, espezinhado, pela glória da sua família; e o senhor dando a honra de contribuir pelo aumento da minha! Mas que reciprocidade mais doce! Mas, meu senhor, a mim parece que está exagerando. Tratar em Londres, ao mesmo tempo, dos assuntos de seu amo e de seu criado! Representar ao mesmo tempo ao rei e a mim em uma corte estrangeira já é exagero, já é demais – e quanto a ti Basílio. Aprendiz de vigarista, vai ver o que é querer ensinar manco a capengar; vou... não, vamos dissimular junto aos dois, para que um apunhale o outro. Cuidado com este dia, senhor Figaro! De saída, adiantar a hora da sua festinha, para se casar com maior segurança; descartar uma Marcelina, que está atrás de você com uma fome de diabo; embolsar o ouro e os presentes; dar troco às paixonites do Conde; dar uma boa escovada no senhor Basílio, e...

## CENA III

[*Marcelina, Bartolo e Figaro.*]

FÍGARO [*Interrompendo-se.*] – Ih!! Ih!! Olhem lá o grande doutor: a festa vai ficar completa. Olá, bom-dia, meu caro doutor do meu coração! É meu casamento com Susana que o traz até o castelo?

BARTOLO [*Desdenhoso.*] – Ah, meu caro senhor, de modo algum.

FÍGARO – Seria um ato bem generoso!

BARTOLO – Sem dúvida; e por demais tolo.

FÍGARO – Eu que tive a infelicidade de atrapalhar o seu!

BARTOLO – O senhor tem alguma outra coisa a me dizer?

FÍGARO – Não houve quem tomasse conta da sua mula!

BARTOLO [*Furioso.*] – Falador tresloucado, deixe-nos em paz!

FÍGARO – O senhor ficou aborrecido, doutor? As pessoas de sua condição são bem duras! Não têm mais pena dos pobres animais, na verdade... que dirá dos homens! Bom-dia, Marcelina: continua sempre resolvida a me processar?

“*Por não se amar, é preciso que se odeie?*”

Estou falando com o doutor.

BARTOLO – O que é isso?

FÍGARO – Ela há de contar-lhe o resto. [*Sai.*]

## CENA IV

[*Marcelina e Bartolo.*]

BARTOLO [*Olhando Figaro sair.*] – Esse gaiato continua sempre o mesmo! E, a não ser que lhe cortem o pescoço, garanto que vai no caixão batendo boca com a morte.

MARCELINA [*Fazendo-o voltar-se.*] – E o senhor, sempre o mesmo, doutor! Sempre tão grave e tão lento que é melhor esperar sentado por alguma providência sua, como quando os dois se casaram apesar das suas precauções. BARTOLO – E a senhora sempre amarga e irritante! Pois bem! O que é que torna tão necessária a minha presença no castelo? Aconteceu alguma coisa ao senhor Conde?

MARCELINA – Não, doutor.

BARTOLO – Será que Rosina, sua hipócrita Condessa, com a graça de Deus, está adoentada?

MARCELINA – Ela definha.

BARTOLO – E por quê?

MARCELINA – O marido a ignora.

BARTOLO [*Com alegria.*] – Ah! O digno esposo me vingará! MARCELINA – Libertino por tédio, ciumento por vaidade; é o óbvio. Hoje, por exemplo, ele casa nossa Susana com seu Figaro, e não há o que não faça para favorecer tal união...

BARTOLO – Que Sua Excelência tornou necessária?

MARCELINA – Não chega a tanto; mas cuja celebração Sua Excelência gostaria de comemorar em segredo com a noiva...

BARTOLO – Do senhor Figaro? Mas isso é muito fácil de negociar com ele.

MARCELINA – Basílio garante que não.

BARTOLO – Esse pândego também mora aqui? Mas isto é um covil! O que é que ele faz aqui?

MARCELINA – Todo o mal de que é capaz. Mas o pior é aquela paixão cansativa que ele nutre por mim há muito tempo.

BARTOLO – Eu já me teria livrado dela há muito tempo, de tal perseguição com a maior facilidade.

MARCELINA – De que maneira?

BARTOLO – Para os médicos não há segredos.  
 MARCELINA – Ah! O senhor sabe que não os tenho para con-  
 sigo. Meu sexo é ardente, mas tímido; mal um certo en-  
 canto nos atrai para o prazer, e logo a mais aventureira  
 das mulheres ouve uma voz que lhe diz: “Seja bela se  
 puder, e ajuizada se quiser; mas ser discreta é indispen-  
 sável”. Ora, já que é preciso pelo menos ser discreta,  
 pois toda mulher sente essa necessidade, o melhor é  
 começar assustando a Susana com a divulgação das  
 propostas que lhe foram feitas.

BARTOLO – Com que fim?

MARCELINA – Com o de fazer com que, na ânsia de provar  
 que é direita, ela continue a dizer não ao Conde, que  
 por vingança apoiará a minha oposição ao seu casamen-  
 to. E com isso eu garanto o meu.

BARTOLO – Muito bem pensado. E juro que acho uma boa  
 peça conseguir casar a minha velha governanta com o  
 canalha que planejou o rapto da minha amada.

MARCELINA [*Rápida.*] – E que ainda acha que seu prazer  
 aumenta em burlar as minhas esperanças.

BARTOLO – E que há tempos me roubou cem escudos, que  
 ainda me doem o coração.

MARCELINA – Ah, que volúpia!...

BARTOLO – De punir o celerado...

MARCELINA – De casar com ele, doutor! De casar com ele!

## CENA V

[*Marcelina, Bartolo e Susana.*]

SUSANA [*Com um toucado de mulher com uma longa fita  
 nas mãos e um vestido sobre o braço.*] – Casar com ele!  
 Com quem? Com o meu Fígaro?

BARTOLO – Casando-me com ele.

MARCELINA – Ao invés de ser tão sem graça e cruel, por que  
 então não se livra assim da minha? Não seria sua obri-  
 gação? Já se esqueceu de suas juras? Ou do nosso pe-  
 queno Emanuel, fruto de um amor esquecido, que de-  
 veria nos ter levado ao altar?

BARTOLO [*Tirando o chapéu.*] – É para escutar essas asnei-  
 ras que me mandou buscar em Sevilha? E quanto a esse  
 acesso matrimonial que torna a acometê-la assim repen-  
 tamente...

MARCELINA – Está bem, não se fala mais nisso. Mas se nada  
 pode levá-lo à justiça de me desposar, ajude-me então  
 ao menos a casar com outro.

BARTOLO – Isso, com o maior prazer. Podemos conversar.  
 Mas que mortal esquecido de Deus e das mulheres...

MARCELINA – E quem poderia ser, doutor, senão o bom, o  
 alegre, o amável Fígaro?

BARTOLO – Esse borra-botas?

MARCELINA – Ele não se zanga nunca, está sempre de bom  
 humor; sente alegria no presente e se importa tão pou-  
 co com o futuro quanto com o passado; é vibrante, ge-  
 neroso! Generoso...

BARTOLO – Como um ladrão pobre.

MARCELINA – Como um rico nobre. Encantador, enfim.  
 Mas é um monstro!

BARTOLO – E Susana?

MARCELINA – Aquela assanhada não ficará com ele, se o  
 senhor, meu doutorzinho, quiser ajudar-me a fazer va-  
 ler um compromisso que ele assumiu comigo.

BARTOLO – Mas no dia do casamento?

MARCELINA – Já vi outros rompidos em estado mais avan-  
 çado: e se eu não tivesse medo de revelar um pequeno  
 segredo de mulher...



MARCELINA [*Amargamente.*] – E por que não? Você não vai casar?

BARTOLO [*Rindo.*] – Isso é bem argumento de mulher despeitada! Nós falávamos, bela Susana, da felicidade que ele terá por possuí-la.

MARCELINA – Sem contar com a do patrão, da qual é melhor não falar.

SUSANA [*Fazendo uma reverência.*] – Uma sua criada, madame; e sua conversa como sempre a destilar peçonha...

MARCELINA [*Fazendo reverência.*] – Uma sua, madame; por que peçonha? Não é justo que um senhor liberal compare tilhe um pouco da alegria que proporciona à sua gente?

SUSANA – Que ele proporciona?

MARCELINA – Sim, madame.

SUSANA – Felizmente os ciúmes de madame são tão notórios quanto são frágeis seus direitos sobre Figaro.

MARCELINA – Eles poderiam ter sido fortalecidos, se explorados à maneira de madame.

SUSANA – Essa maneira, madame, é a das mulheres de juízo.

MARCELINA – O que a menina não é de todo! É inocente como um juiz velho!

BARTOLO [*Afastando Marcelina.*] – Adeus, bela noiva do nosso Figaro.

MARCELINA [*Com reverência.*] – Eleita secreta do nosso senhor.

SUSANA [*Com reverência.*] – Que muito a respeita, madame.

MARCELINA [*Com reverência.*] – Far-me-ia ela também a honra de me estimar um pouco, madame?

SUSANA [*Com reverência.*] – Quanto a isso, madame não tem por que temer.

MARCELINA [*Com reverência.*] – Uma pessoa tão bela quanto madame!

SUSANA [*Com reverência.*] – Nem tanto, mas o suficiente para deixar madame desolada.

MARCELINA [*Com reverência.*] – E sobretudo muito respeitável!

SUSANA [*Com reverência.*] – Compete às solteironas sê-lo!

MARCELINA [*Ofendida.*] – Às solteironas! Às solteironas!

BARTOLO [*Interrompendo-a.*] – Marcelina!

MARCELINA – Vamos, doutor, porque eu não aturo mais isso. Bom-dia, madame. [*Uma reverência.*]

## CENA VI

[*Susana está só.*]

SUSANA – Vai, madame! Vai, sua pedante! Não tenho medo das suas ameaças e só sinto desprezo por suas ofensas. Megera! Só porque estudou um pouco e atormentou a juventude da patroa quer mandar em tudo no castelo! [*Joga o vestido em uma cadeira.*] E agora já não lembro mais o que era que eu vim buscar.

## CENA VII

[*Susana e Querubino.*]

QUERUBINO [*Entra correndo.*] – Ah! Susaneta! Há horas que eu estou à espreita para apanhá-la sozinha. Que tristeza! Você se casa e eu tenho de ir embora...

SUSANA – E por que razão o meu casamento havia de afastar do castelo o primeiro pajem do senhor Conde?

QUERUBINO [*Piedosamente.*] – Susana, ele me mandou embora.

SUSANA – Querubino, qual foi a tolice desta vez?

anos o senhor vai ser um grande sem-vergonha!... Dar-lhe a fita? [*Tenta retomá-la.*]

QUERUBINO [*Tirando um romance do bolso.*] – Deixe, por favor, deixe comigo, Susaneta. Eu dou a minha canção para você; enquanto a lembrança da sua bela patroa sempre me entristecerá, a sua será o único raio de alegria ainda capaz de divertir meu coração.

SUSANA [*Arranca-lhe a canção.*] – Divertir seu coração, celerado de bolso! O senhor acha que está falando com a sua Fanchete? É apanhado no quarto dela, mas suspira por madame; e ainda quer me levar de contrapeso!

QUERUBINO [*Exaltado.*] – Palavra que isso é verdade mesmo!! Eu nem sei mais quem sou; de uns tempos para cá eu sinto o peito agitado; meu coração palpita à vista de uma mulher; as palavras amor e volúpia fazem-no fremir e o perturbam. Enfim, a necessidade de dizer “Eu te amo” a alguém tornou-se tão desesperada que o digo sozinho – enquanto corro no parque – à sua patroa, a você, às árvores, às nuvens, ao vento que as leva junto com as minhas palavras perdidas. Ontem eu encontrei Marcelina...

SUSANA [*Rindo.*] – Ah, ah, ah!!!

QUERUBINO – E por que não? Ela é mulher! É donzela! Uma mulher! Que palavras lindas, e como intrigam!

SUSANA – Está ficando louco!

QUERUBINO – Fanchete é que é boazinha. Ela pelo menos me escuta. Você não.

SUSANA – Que pena! Mas escute aqui, meu senhor! [*Tenta agarrar a fita.*]

QUERUBINO [*Vira-se enquanto foge.*] – Pois sim! Só se for por cima do meu cadáver! E depois ainda me dando mil beijos. [*Ele passa a perseguir Susana.*]

SUSANA [*Voltando-se, enquanto foge.*] – Mil tapas, se chegar

QUERUBINO – Ele me encontrou ontem à noite no quarto da sua prima Fanchete, a quem eu estava ensinando o papel da ingênua para a festa de hoje: ao me ver, teve um acesso de fúria! – Saia, disse ele, seu pequeno... Nem ouseu repetir o termo que ele me dirigiu... Saia! e amanhã não dormirá mais no castelo! Se madame, a minha bela madrinha, não conseguir acalmá-lo, fico privado para o resto da vida da felicidade de ver você.

SUSANA – De me ver? A mim? Ah, agora sou eu! Quer dizer que não é mais pela patroa que o senhor suspira em segredo?

QUERUBINO – Ai, Susana, como ela é nobre e linda! Mas como impõe respeito!

SUSANA – Quer dizer que eu não imponho, e que comigo se pode ousar...

QUERUBINO – Você sabe muito bem, malvada, que eu não ouse ousar. Mas como você tem sorte! A todo momento vê-la, falar com ela, vesti-la de manhã, despi-la de noite, alfinete por alfinete... Ah, Susaninha, eu dava... o que é isso que está na sua mão?

SUSANA [*Brincando.*] – Ai, ai! O feliz toucado e a feliz fita que prendem, de noite, os cabelos dessa bela madrinha...

QUERUBINO [*Vivamente.*] – Sua fita da noite? Dê para mim, meu coração.

SUSANA [*Retirando-a.*] – Isso é que não! Seu coração! Mas que familiaridades! Se não se tratasse de um pirralho sem conseqüências... [*Querubino arranca-lhe a fita.*]  
Ai, a fita!

QUERUBINO [*Girando em torno da poltrona grande.*] – Você diz que não sabe onde está, que rasgou, que se perdeu. Enfim, diz o que quiser.

SUSANA [*Girando atrás dele.*] – Daqui a uns dois ou três

perto. Vou fazer queixa à patroa; e em vez de pedir em seu favor, direi ao patrão: "Muito bem feito, meu senhor; é preciso expulsar daqui esse ladrãozinho; devolva aos pais esse sono que toma ares de estar apaixonado pela patroa, e que ainda fica tentando me beijar, de lambuja".

QUERUBINO [*Vê o Conde entrar, esconde-se apavorado atrás da poltrona.*] – Estou perdido!

SUSANA – Mas que pavor!

## CENA VIII

[*Susana e o Conde. Querubino escondido.*]

SUSANA [*Vendo o Conde.*] – Ah!... [*Aproxima-se da poltrona para encobrir Querubino.*]

O CONDE [*Avançando.*] – Como você está emocionada, Susaninha! Falava sozinha, e seu coraçãozinho parece estar numa agitação... aliás muito compreensível, num dia como este.

SUSANA [*Perturbada.*] – Meu senhor, o que deseja? Se o encontrossem aqui comigo...

O CONDE – Eu ficaria desolado se fosse surpreendido; mas você sabe o quanto me interesse por você. Basílio não pode ter deixado que você desconheça o meu amor. Escute: eu não tenho muito tempo para dizer o que quero... [*Senta-se na poltrona.*]

SUSANA [*Vivamente.*] – Não escuto nada.

O CONDE [*Tomando-lhe a mão.*] – Só uma palavra. Você sabe que o rei me nomeou seu embaixador em Londres. Pretendo levar Fígaro comigo, dou-lhe um posto excelente; e, como o dever da mulher é seguir o marido...

SUSANA – Ah, se eu ousasse falar!

O CONDE [*Aproximando-a de si.*] – Pois fale, fale, minha

cara; use hoje um direito que terá sobre a minha pessoa para o resto da vida.

SUSANA [*Assustada.*] – Não quero, não, meu senhor; não quero não. O senhor faça o favor de parar com isso.

O CONDE – Mas diga antes...

SUSANA [*Com raiva.*] – Eu não sei mais o que é que eu ia dizer.

O CONDE – Você falava do dever das mulheres.

SUSANA – Pois muito bem! Quando o senhor tirou a sua da casa do doutor para casar-se com ela por amor, e quando aboliu por ela aquele terrível direito de senhor...

O CONDE [*Alegre.*] – Que tantas aflições trazia às moças! ...Ah! Susaninha! Que direito encantador! Se você viesse discutir-lo comigo, no jardim, ao crepúsculo, garantindo que pagaria regamente esse pequeno favor...

BASÍLIO [*Fala de fora.*] – Ele não está, meu senhor.

O CONDE [*Levantando-se.*] – Que voz é essa?

SUSANA – Ai, mas eu sou uma desgraçada!

O CONDE – Saia, para que não entrem.

SUSANA [*Perturbada.*] – Deixando-o aqui sozinho?

BASÍLIO [*Gritando de fora.*] – O senhor estava nos apartamentos de madame, mas já saiu; eu vou ver.

O CONDE – Não há lugar nenhum para poder me esconder! Ah, atrás dessa poltrona... podia ser pior. Mas mande-o logo embora.

[*Susana barra-lhe o caminho; ele a empurra docemente. Ela recua e se coloca assim entre ele e o pajenzinho; enquanto o Conde se abaixa e toma seu lugar, Querubino gira e se atrira assustado, sobre a poltrona, de joelhos e nela se afunda... Susana pega o vestido que carregava; corre com ele o pajem e se coloca diante da poltrona.*]

## CENA IX

[O Conde e Querubino escondidos, Susana e Basílio.]

BASÍLIO – A senhorita não terá visto o senhor Conde?

SUSANA [Brusca.] – E por que haveria de ter visto? Quer me deixar em paz?

BASÍLIO [Aproximando-se.] – Se a senhorita fosse mais sensata, veria que não há nada de surpreendente na minha pergunta. É Fígaro quem o procura.

SUSANA – Quer dizer que ele está procurando o homem que mais mal lhe deseja, depois do senhor?

O CONDE [À parte.] – Vejamos como ele se defende.

BASÍLIO – Então desejar o bem a uma mulher é desejar mal ao seu marido?

SUSANA – Não segundo os seus princípios abomináveis, senhor agente da corrupção!

BASÍLIO – O que lhe é pedido aqui que a senhora não fosse conceder prodigamente a um outro? Graças a uma doce cerimônia, aquilo que lhe era proibido ontem será recomendado amanhã.

SUSANA – Crápula!

BASÍLIO – Sendo que dentre as coisas sérias o casamento é a mais ridícula, eu havia pensado...

SUSANA [Ofendida.] – Horrores! Quem lhe deu permissão de entrar aqui?

BASÍLIO – O que é isso? Acalme-se, pelo amor de Deus! Será tudo como quiser, mas não espere que eu creia que seja Fígaro o obstáculo que está atrapalhando o Conde; e, sem o pequeno pajem...

SUSANA [Timidamente.] – Dom Querubino?

BASÍLIO [Imitando-a.] – *Cherubino di amore*, que gira sem cessar à sua volta, e que ainda hoje rondava por aqui para entrar, quando eu a deixei. Vai dizer que não é verdade?

SUSANA – Que falsidade! Vá-se embora, seu intrigante!

BASÍLIO – É-se intrigante quando se vê claro. Não é para a senhorita também essa romança da qual ele faz tanto mistério?

SUSANA [Furiosa.] – Para mim! Pois sim!

BASÍLIO – A não ser que ele a tenha composto para Madame! Na verdade, dizem que quando serve a mesa ele lhe lança os mais fantásticos olhares!... Mas ele que não se meta nessa! Nesse ponto o senhor Conde é implacável.

SUSANA [Ofendida.] – E o senhor um celerado, de andar investigando boatos desse gênero para desgraçar um pobre menino infeliz que caiu nas más graças de seu amo.

BASÍLIO – Inventando, eu? Eu só digo o que todo o mundo está dizendo.

O CONDE [Levantando-se.] – Como, todo o mundo está dizendo?

SUSANA – Meu Deus do céu!

BASÍLIO – Ah! Ah!

O CONDE – Basílio, quero que vá imediatamente tomar providências para que ele seja enxotado daqui.

BASÍLIO – Ai, para que é que eu fui entrar aqui!

SUSANA [Perturbada.] – Ai, meu Deus!

O CONDE [A Basílio.] – Ela teve uma coisa! Vamos sentá-la na poltrona.

SUSANA [Se refazendo.] – Não quero sentar. Entrar assim dessa maneira é uma indignidade.

O CONDE – Mas nós estamos os dois aqui, minha cara. Não existe mais o menor perigo!

BASÍLIO – Quanto a mim, estou desolado de me ter permitido brincar a respeito do pajem, em sua presença. Eu só falei nisso para testar os sentimentos dela; porque no fundo...

O CONDE – Cinquenta pistolas, um cavalo, e que ele seja mandado para a casa dos pais.

BASÍLIO – Meu senhor, por uma brincadeira?

O CONDE – Um pequeno libertino que ainda ontem eu surpreendi com a filha do jardineiro.

BASÍLIO – Com Fanchete?

O CONDE – No seu quarto.

SUSANA [*Ofendida.*] – Onde, sem dúvida, o senhor também precisava entrar!

O CONDE [*Alegre.*] – Essa foi boa!

BASÍLIO – Ela é de bom augúrio.

O CONDE [*Alegre.*] – Mas não precisava; estava à procura do seu tio Antônio, aquele bêbado do meu jardineiro, para dar-lhe umas ordens. Eu bati e custaram muito a abrir; a sua prima estava com um ar muito esquisito; fiquei desconfiado, e comecei a conversar, examinando tudo enquanto falava. Havia atrás da porta uma espécie de cortina ou reposteiro, ou não sei o quê, que cobria uma porção de roupas; assim como quem não quer nada, eu me aproximei suavemente e levantei a cortina... [*Para imitar o gesto, ele levanta o vestido da poltrona.*] e vi... [*Vê o pajem.*] Ah!....

BASÍLIO – Ah! Ah!

O CONDE – Bom, a história se repete...

BASÍLIO – Mas ainda melhor.

O CONDE [*À Susana.*] – Que beleza, senhorita: como pode ser tão cínica no dia do seu casamento? Era para receber o meu pajem que desejava tanto ficar só? Quanto ao senhor, que não se emenda, só lhe faltava atirar-se, sem o menor respeito por sua madrinha, à sua primeira camareira, à mulher do seu amigo! Mas eu não posso admitir que Fígaro, um homem que estimo e respeito, seja vítima de tal engano. Ele estava com o senhor, Sr. Basílio?

SUSANA [*Ofendida.*] – Não há enganos, nem vítimas; ele estava aqui enquanto o senhor me falava.

O CONDE [*Irritado.*] – Quem dera a ele que você estivesse mentindo! Seu pior inimigo não lhe desejaria infelicidade igual.

SUSANA – Ele estava pedindo que eu conseguisse que madame intercedesse por ele. Sua chegada perturbou-o a tal ponto que preferiu esconder-se na poltrona.

O CONDE [*Com raiva.*] – Um truque infernal! E eu ainda sentei-me ali ao entrar!

QUERUBINO – Perdão! Mas naquela hora eu estava tremendo do atrás da poltrona.

O CONDE – O senhor está querendo brincar comigo? Atrás da poltrona estava eu!

QUERUBINO – Perdão, mas foi justamente nessa hora que eu pulei para cima.

O CONDE [*Mais irritado.*] – Quer dizer que essa cascavel – essa serpente, estava enrolada ali! A nos escutar!

QUERUBINO – Ao contrário, meu senhor; eu fiz todo o possível para não escutar nada.

O CONDE – Que perfídia! [*A Susana.*] Você não se casará com Fígaro.

BASÍLIO – Contenha-se, senhor, que aí vem gente.

O CONDE [*Arrancando Querubino da poltrona e collocando-o de pé.*] – Ponha-se aí, para que todo o mundo o veja!

## CENA X

[*Querubino, Susana, Fígaro, a Condessa, o Conde, Fanchete, Basílio, vários empregados e camponeses vestidos de branco.*]

FÍGARO [*Segurando uma grinalda enfeitada de flores de laranjeira brancas, fala à Condessa.*] – Só a senhora será capaz de conseguir esse favor para nós.

A CONDESSA – Como vê, senhor Conde, eles me atribuem uma influência que eu não tenho; porém como o que pedem não deixa de ser razoável...

O CONDE [*Embaraçado.*] – Ainda que não o fosse de todo...

FÍGARO [*Baixo, à Susana.*] – Apóia tudo o que eu disser.

SUSANA [*Baixo, a Figaro.*] – Mas não vai adiantar nada.

FÍGARO [*Baixo.*] – Mas tenta-se.

O CONDE [*A Figaro.*] – O que é que você deseja?

FÍGARO – Senhor, os seus vassallos, comovidos com a abolição de um certo direito vergonhoso que o seu amor pela Condessa...

O CONDE [*Maliciosamente.*] – Muito bem, ele não existe mais; o que é que você quer dizer?

FÍGARO [*Maliciosamente.*] – Que é bem tempo que a virtude de um ano tão bom seja proclamada; ela me traz tais vantagens hoje que eu desejo ser o primeiro a celebrar seu casamento aqui.

O CONDE [*Ainda mais embaraçado.*] – O meu amigo está se divertindo à minha custa! A abolição de um direito vergonhoso não é mais do que o que é devido à honestidade. Um espanhol pode querer conquistar a beleza com seu zelo; mas exigir a sua primeira, a sua mais doce entrega, como uma obrigação servil, ah!, isso é tirania de um vândalo, e não um direito lícito de um nobre de Castela.

FÍGARO [*Tomando Susana pela mão.*] – Permita então que essa jovem, cuja honra foi preservada pela sua sabedoria, receba de suas mãos, de público, a grinalda virginal, ornada de flores de laranjeira, símbolo da pureza de suas intenções: que o senhor adote esta cerimônia

para todos os casamentos, e que uma trova cantada em coro preserve para sempre essa lembrança...

O CONDE [*Embaraçado.*] – Se eu não soubesse que apaixonado, poeta, e músico são três títulos indulgentes que se dá a todas as loucuras...

FÍGARO – Unam-se a mim, meus amigos!

TODOS [*Em conjunto.*] – Senhor Conde! Senhor Conde!

SUSANA [*Ao Conde.*] – Pode fugir a um aplauso que merece tão bem?

O CONDE [*À parte.*] – Pérfida!

FÍGARO – Olhe bem para ela, meu senhor; nunca haverá noiva mais bela para mostrar ao mundo a grandeza do seu sacrifício.

SUSANA – É melhor me deixar de lado e falar só na sua virtude.

O CONDE [*À parte.*] – Mas essa brincadeira é uma conspiração.

A CONDESSA – Eu me uno a eles, senhor Conde; e esta cerimônia me será sempre cara, já que ela deve sua origem ao amor delicado que o senhor me teve.

O CONDE – E que terei sempre, madame; e é em nome dele que me rendo.

TODOS – Viva!!!

O CONDE [*À parte.*] – Agora estou perdido. [*Alto.*] Para que a cerimônia tenha um pouco mais de pompa, eu só peço que ela seja adiada por um pouco. [*À parte.*] É preciso encontrar Marcelina a toda pressa.

FÍGARO [*A Querubino.*] – Como é, meu azougue; o senhor não aplaude?

SUSANA – Ele está desesperado. O senhor o mandou embora.

A CONDESSA – Ah, senhor! Eu lhe rogo que o perdoe!

O CONDE – Ele não o merece.

A CONDESSA – Ele é tão menino!

O CONDE – Não tanto quanto possa pensar.  
 QUERUBINO [*Tremendo.*] – Perdoar generosamente não é o direito de senhor ao qual renunciou ao desposar madame.  
 A CONDESSA – Ele renunciou apenas àquele que afligia a todos.  
 SUSANA – Se o senhor Conde tivesse renunciado ao direito de perdoar, esse seria sem dúvida o primeiro que ele gostaria de reconquistar em segredo.  
 O CONDE [*Embaraçado.*] – Sem dúvida.  
 A CONDESSA – Mas por que reconquistá-lo?  
 QUERUBINO [*Ao Conde.*] – Eu sei que fui leviano em minha conduta, meu senhor; porém jamais qualquer indiscrição em minhas palavras...  
 O CONDE [*Embaraçado.*] – Muito bem. Basta...  
 FIGARO – O que é que houve?  
 O CONDE [*Vivamente.*] – Basta, basta. Todos querem o seu perdão, e eu o concedo. E vou mais longe: concedo-lhe uma companhia em minha legião.  
 TODOS – Viva!!  
 O CONDE – Mas sob condição de ele partir imediatamente, para reunir-se a ela na Catalunha.  
 FIGARO – Ah, meu senhor! Amanhã?  
 O CONDE [*Insistindo.*] – É a minha vontade.  
 QUERUBINO – E eu obedeco.  
 O CONDE – Cumprimente sua madrinha e peça-lhe sua proteção.  
 [*Querubino ajoelha-se diante da Condesa e não consegue falar.*]  
 A CONDESSA [*Comovida.*] – Já que não podemos retê-lo nem mesmo hoje, parte, parte, meu rapaz, meu rapaz. Uma nova função o chama; é preciso preenchê-la com dignidade. Honre o seu benfeitor. Lembre-se desta casa, onde a sua

juventude recebeu tanta indulgência. Seja submisso, honesto e bravo; todos nós compartilharemos dos seus sucessos.  
 [*Querubino se levanta e volta ao seu lugar.*]  
 O CONDE – A senhora está muito comovida, madame.  
 A CONDESSA – E por que não? Quem sabe qual será a sorte de uma criança atirada a uma carreira tão perigosa! Ele é ligado a meus pais, e além disso é meu afilhado.  
 O CONDE [*À parte.*] – Estou vendo que Basílio tinha razão.  
 Rapaz, abraçe Susana pela última vez.  
 FIGARO – Por que dizer isso, senhor Conde? Ele virá passar aqui seus invernos. Dê-me um beijo também, capitão! [*Abraça-o e beija-o.*] Adeus, meu pequeno Querubino. Você vai levar agora uma vida muito diferente, meu filho. Nada mais de passar o dia a rondar as salas das mulheres; nada mais de doces e bolos; nada mais de chicote-queimado e cabra-cega. Muitos soldados, valha-me Deus, queimados e mal-vestidos; um fuzil enorme e pesado; direita volver, esquerda volver, avante, marchar para a glória! E não vá cair no caminho, a não ser que seja derrubado por um tiro!  
 SUSANA – O que é isso! Que horror!  
 A CONDESSA – Mas que prognósticos!  
 O CONDE – Onde está Marcelina? É muito estranho que ela não esteja neste grupo.  
 FANCHETE – Senhor, ela estava a caminho da cidade, pela picada da horta.  
 O CONDE – E quando volta?  
 BASÍLIO – Quando Deus quiser.  
 FIGARO – Quisera que Ele jamais o quisesse...  
 FANCHETE – O senhor doutor lhe dava o braço.  
 O CONDE [*Vivamente.*] – O doutor está aqui?

BASÍLIO – Ela sempre viveu agarrada a ele.  
O CONDE [À parte.] – Ele não poderia ter vindo mais a propósito.

FANCHETE – Ela estava muito exaltada; falava alto enquanto andava, depois parava, e fazia assim, com os braços... e o senhor doutor lhe fazia assim, com as mãos para acalmá-la: ela parecia muito zangada! E falava do meu primo Fígato...

O CONDE [Tomando-lhe o queixo.] – Futuro primo...

FANCHETE [Mostrando Querubino.] – Meu senhor, o senhor o perdoou por ontem?

O CONDE [Interrompendo.] – Por hoje é só, menina, por hoje é só.

FIGARO – Ela fica tomada por aquele seu cão de amor; teria estragado a nossa festa.

O CONDE [À parte.] – Eu garanto que vai estragar mesmo. [Alto.] Vamos, senhora, entremos. Basílio, eu quero falar-lhe.

SUSANA [A Figaro.] – Você vem encontrar comigo, meu filho? FIGARO [Baixo, à Susana.] – Como é, ele não está bem arumado?

SUSANA [Baixo.] – Você é maravilhoso!

## CENA XI

[Querubino, Figaro e Basílio.]

FIGARO – Vocês aí! Uma vez realizada a cerimônia, a minha festa desta noite é a consequência lógica! E muito cuidado para não fazer como aqueles atores que sempre representam pior quando os críticos estão mais acordados. Nós não temos dia seguinte para consertar as coisas. Precisamos saber nossos papéis muito bem hoje.

BASÍLIO [Maliciosamente.] – O meu é muito mais difícil do que você pensa.

FIGARO [Fazendo, sem que ele veja, gestos de lhe dar uma surra.] – E você nem sequer imagina qual será sua paga pelo sucesso que tiver.

QUERUBINO – Meu amigo, você esquece que eu tenho de partir.

FIGARO – E bem que queria ficar, não é?

QUERUBINO – Se queria!

FIGARO – É preciso usar de artifício. Nada de reclamações contra a partida. Vista o casaco de viagem; arrume ostensivamente sua bagagem, e que todos vejam seu cavalo ao portão; um pequeno galope até a horta e uma volta a pé pelos fundos. O senhor pensará que você partiu; e basta ficar bem escondido. Eu me encarrego de acalmá-lo depois da festa.

QUERUBINO – Mas Fanchete não sabe o papel dela!

BASÍLIO – Mas então o que é que o senhor anda ensinando a ela, se faz uma semana que não a larga? FIGARO – Você não tem nada para fazer hoje: faça o favor de dar-lhe mais uma lição.

BASÍLIO – Tome cuidado, rapaz; tome cuidado! O pai não está satisfeito; a filha já foi repreendida; com o senhor ela não estuda; Querubino, Querubino, ainda vai trazer-lhe muitos aborrecimentos! Tanto o pote vai à fonte...

FIGARO – Lá vem o nosso imbecil com seus provérbios! Muito bem, pedante, o que é que diz a sabedoria das nações? Tanto vai o pote à fonte que no fim...

BASÍLIO – Fica cheia.

FIGARO [Saindo.] – Até que essa não foi má.